

**ENTRE OS TAMBORES BRASILEIROS E O CANDOMBE URUGUAIO:  
ENTRE-LUGARES POSSÍVEIS E OUTRAS HISTÓRIAS**

**Leandro Haerter  
Denise Marcos Bussoletti  
Cléber José Silveira da Costa**

**Introdução**

O texto que segue discute as noções de entre-lugares e de fronteiras a partir de uma das diversas ações extensionistas propostas pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade da Universidade Federal de Pelotas (GIPNALS/UFPel), qual seja: o Fórum Internacional de Contadores de Histórias, enquanto espaço de encontros e aproximações possíveis, sobretudo, entre saberes do popular e conhecimentos da academia, questão que se configura como orientação e, ao mesmo tempo, desafio na perspectiva de trabalho defendida pelo referido Grupo de Pesquisa.

Mais precisamente, nesta oportunidade discutimos um elemento bastante presente nos encontros e aproximações entre cultura popular e acadêmica: a relação possível entre tambores brasileiros e tambores uruguaios, a partir das experimentações realizadas durante a realização de duas edições do Fórum Internacional de Contadores de Histórias, capazes de alargar limites epistemológicos, enunciar vozes oprimidas e contar, assim, outras histórias.

**O Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS): por uma escavação de entre-lugares**

Nos últimos anos, o GIPNALS da UFPel tem trabalhado fortemente na perspectiva da extensão universitária, ressaltando a importância da tradição oral, da memória e dos saberes, conhecimentos e fazeres das comunidades, movimentos sociais e da própria universidade.

Não dissociando a perspectiva extensionista do ensino e da pesquisa, o GIPNALS tem se afirmado como um espaço que busca aproximar o popular do acadêmico, a partir inclusive de eventos como o Fórum Internacional de Contadores de Histórias, em sua segunda edição, que criam condições favoráveis para o diálogo entre esses saberes.

A primeira edição do evento – o “Fórum Internacional de Contadores de Histórias: catadores e contradores” – reuniu representantes de movimentos sociais, grupos populares e universidade, procurando mostrar uma “outra história” de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul. Realizada no ano de 2009, esta edição do Fórum integrou aproximadamente 300 pessoas, entre elas, representantes de movimentos sociais e populares, como mulheres, negros, sem-terra, pequenos agricultores, carnavalescos, indígenas do Brasil e do Uruguai, sendo os debates organizados através das Rodas de Contação de

Histórias, quais foram: Roda da Terra, Roda das Mulheres e Roda do Carnaval, onde os representantes narravam suas experiências e contavam suas histórias para o coletivo mais abrangente.



Figura 1: Apresentação sobre Orixás, durante o II Fórum Internacional Contadores de Histórias.

Fonte: Acervo GIPNALS.

Esse Fórum surge num contexto de participações anteriores de alunos e professores da UFPel em algumas edições do Foro Latinoamericano "Memoria e Identidad", realizado em Montevideu/Uruguai e organizado pela Signo Centro Interdisciplinario.



Figura 2: Tambores uruguaios durante uma das edições do Foro Latinoamericano "Memoria e Identidad".

Fonte: Acervo GIPNALS.

Ambos os eventos podem ser caracterizados como propostas de experimentação e como instâncias de construção de outros espaços narrativos e de valorização de outros lugares de construção de saberes. A partir de diferentes experiências e do intercâmbio realizado através das participações no Foro, o GIPNALS se inspirou em realizar o Fórum Internacional de Contadores de Histórias, discutindo e valorizando narrativas, saberes e fazeres populares, dialogando com a universidade.

É nesse sentido que o GIPNALS se coloca, justamente na intenção de abordar em suas ações extensionistas, a diversidade de manifestações sociais e culturais, a partir de um olhar interdisciplinar, aproximando o popular do dito acadêmico. As chamadas "estéticas periféricas" e as "narrativas populares" constituem-se como temas que orientam as ações do Grupo de Pesquisa, elementos permeados por distintas linguagens artísticas, como a música, a dança, o teatro, criando condições favoráveis para o diálogo entre os saberes reconhecidamente populares e os conhecimentos acadêmicos. Salienta-se que o GIPNALS possui como membros, desde sua criação, alunos e professores de diversos cursos da UFPel e de outras instituições e se encontra estabelecendo e experimentando práticas de diálogo com a comunidade e seu enfoque recai, sobretudo, nas mais variadas manifestações das narrativas populares, a partir de abordagens que contemplam um acolhimento ético e estético.

Por sua vez, o "II Fórum Internacional de Contadores de Histórias", ocorrido em 2010, teve o Carnaval como temática. Nessa oportunidade, foram discutidas algumas aproximações possíveis entre as manifestações populares brasileiras e uruguaias, tomando os tambores destes países vizinhos como elemento norteador do evento. Mais precisamente, o ritmo dos tambores propiciou o diálogo entre o samba e o candombe, valorizando a cultura do Sul do Sul.



## Fronteiras e entre-lugares

As discussões presentes durante as duas edições do Fórum Internacional de Contadores de Histórias repousaram, em certa medida, na revisão de fronteiras que, historicamente, dividem e escalonam conhecimentos o que implica, por sua vez, no reconhecimento de outros espaços capazes de produzir conhecimentos, além da universidade. Assim, este texto encontra-se amparado nas noções de "fronteira" e "entre-lugares", na memória e na identidade, tendo nas narrativas populares uma orientação para a valorização da própria cultura popular.

Homi Bhabha em seu livro "O Local da Cultura", citando Heidegger, diz: "uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*" (Heidegger apud BHABHA, 1998, p.20).

A partir da noção de fronteira formulada por Heidegger, configura-se o conceito de entre-lugar. Bhabha (1998) mais uma vez elucida:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade (p.20).

A noção de entre-lugar se faz importante para o GIPNALS porque, inclusive, nos ajuda a problematizar as representações do "outro" presentes no discurso colonial, principalmente a questão da produção da diferença calcada numa ótica binária preocupada muito mais em manter a relação poder e saber do que propriamente respeitar diferenças. Neste sentido é possível questionar as hierarquizações binárias que constituem práticas políticas no sentido de marginalizar e excluir o outro, abrindo possibilidades para romper com a lógica hegemônica da opressão colonial.

Assim, a perspectiva ético-estético-epistemológica adotada pelo GIPNALS vem sendo construída de modo a pensar a noção de entre-lugar como *locus* privilegiado de encontro entre academia e cultura popular, sobretudo, levando em consideração a realização do Fórum Internacional de Contadores de Histórias, em suas duas edições.

Para o GIPNALS escavar entre-lugares é pensar em uma proposta de educação e arte feita pelas margens, subvertendo a idéia de centros de poder-saber hegemônicos, buscando romper com aquilo que é hegemônico na reprodução histórica da sociedade, com aquilo que nos tem sido colocado historicamente e com lugares que tomam grupos marginalizados como subjugados e não capazes de protagonizar sua própria história.

Nessa perspectiva, renunciamos aqui a uma ciência cartesiana e reprodutora de verdades e estatutos. Abandonamos a perspectiva retilínea de ciência para propor uma produção de conhecimento desenhada a partir da idéia

de trama, entendida aqui como conhecimento que emana dos intercâmbios e trocas possíveis que se entrecruzam a experiências, histórias, estímulos afetivos, emocionais, teóricos etc., e seus sentidos e significados possíveis (CANAL, 2011).

A partir de um paradigma ético-estético procura-se a configuração de uma ciência nômade, periférica e rizomática onde o tramar possibilita escavar múltiplas entradas e saídas, buscando operar a partir da vida em modos heterogêneos de ser e de saber, uma vez que o conceito de trama, conforme concebido por Canal (2011), representa um espaço de participação e também diálogo como princípio dos encontros que vão tecendo sentidos, possibilitando transformações e revisão constante de posições.

De acordo com Canal (2011, p. 19):

En el tejer la trama, se establece un sentido primigenio: es el acto de transformación en el movimiento, en los ires y venires, en el adentro y el afuera. El acto de tejer es también entretejido social. En tal sentido, este movimiento de circularidad sin fin, en que el principio se encuentra con el final, hilar es el acto de regresar al avanzar o de avanzar regressando [...]<sup>1</sup>.

Trabalhar a partir da ideia de trama contribui, assim entendemos, para o rompimento com o que está tradicionalmente dado, tanto na concretude do mundo social quanto no conteúdo de pesquisas acadêmicas, criando condições de possibilidade para a construção de conhecimentos além do historicamente estabelecido como possível, considerando a trama propriamente dita de histórias, experiências, afetos e escolhas teóricas.

Nessa perspectiva, podemos dizer que o movimento e ações do GIPNALS centra-se na constituição de práticas que buscam experienciar saberes outros, sobretudo, saberes tramados coletivamente com representantes da cultura popular, dos movimentos sociais e da academia. Esse movimento sugere a possibilidade de transformações possíveis.

Assim, o reconhecimento da noção de fronteira como possibilidade de entre-lugar formulado pelo zigzaguear que a trama permite, rompe com a ideia de uma educação pautada na centralidade da transmissão do conhecimento, da estética e da cultura. A reta transforma-se em curva, o Norte passa a ser o Sul e os saberes populares voltam a ocupar seu lugar de visibilidade e voz na produção do conhecimento.

### **Tramas melódico-culturais: O candombe uruguaio e os tambores brasileiros**

No Brasil e no Uruguai o som dos tambores soam transgredindo limites estéticos, culturais e políticos e, ao circularem entre as vizinhas regiões, vão revelando e tramando identidades, tradições, viveres e fazeres.

Como já foi referido neste texto, o GIPNALS engendrou durante o II Fórum Internacional de Contadores de Histórias um encontro entre os tambores uruguaio (candombe) e os tambores brasileiros (sopapo).

Salientemos que o candombe afro-uruguaio é composto por três tambores, o piano, o chico, e o repique. O piano é o maior e de som mais

grave, é a base do candombe. Sua função é similar à do baixo acústico. Mede em torno de 40 centímetros de diâmetro. O chico tem esse nome por seu tamanho, apesar de ser o mais alto em afinação. Mede aproximadamente 22 centímetros de diâmetro e o terceiro é o repique que dita o ritmo necessário aos outros dois para que seus ritmos se unam. Mede aproximadamente 30 centímetros de diâmetro. Juntos, os tambores criam o candombe. Estes três tambores, juntos, também são chamados de "Cuerda". Candombe é um ritmo totalmente ligado à África, e está presente na cultura uruguaia há mais de 200 anos.

O tambor sopapo está ligado à história do carnaval pelotense e é assim chamado por ser tocado com a mão espalmada sobre a pele. Sopapo também fora chamado na África de Yakupapa e no Rio Grande do Sul, provavelmente no século XVIII, recebeu o nome de "sopapo". Medindo em torno de 1 metro e meio de altura por 60 cm de diâmetro, o sopapo faz parte de nossa identidade.

O sopapo esteve próximo da extinção na década de 90. Sua revitalização se deu pelo trabalho de artistas como Giba Giba, Mestre Baptista, Bataclã FC e hoje o sopapo é reconhecido como um tambor afro-gaúcho e motivo de orgulho por conta de sua história. Nos últimos anos o sopapo passou a ser lembrado em escritas, vídeos, oficinas e sites, onde os envolvidos tentam manter vivo o tambor que faz parte de nossa identidade.

No ano de 2010, em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, no II Fórum Internacional de Contadores de Histórias, nos vimos num "entre-lugar". Brasil e Uruguai, Candombe e Sopapo juntos, nos permitiram vivenciar na prática o "ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*" (Heidegger apud BHABHA, 1998, p.20). Os sons peculiares vindos dos tambores mantiveram-se vivos e com suas características próprias, mas deram espaço a algo novo que já não pode ser chamado de Uruguaio ou Brasileiro, já não permite que se limite a uma definição que não seja a de um "entre-lugar". As batidas ao se sobreporem deram início a encontros rumo ao desconhecido, ao novo, e a fronteira definida por Heidegger.

### **Desdobrando entre – lugares: Encontros – na fronteira**

E entre tambores Brasileiros e Uruguaios, entre diversos – diferentes pesquisadores – estavam estes que tecem esta escrita. Mergulhos pelas interlocuções entre academia e comunidade valorizando as histórias e as estéticas periféricas. Passos mansos por entre-lugares, fronteiras... conceitos... vivências...

É possível apontar esses entre lugares? Fronteiras? A tradição oral, a memória, os movimentos sociais, a universidade como um grande enredo nessa busca por aproximações possíveis do dito popular e acadêmico? Onde é possível dizer que se diluem, se misturam?

Ainda que aqui não se tenha a pretensão de fazer associações diretas que por vezes se tornam rasas ou comparativas, parece inevitável contar de alguns dos encontros registrados pelos olhos, corpos, lentes que contribuem hoje para que as memórias continuem vivas – em movimento. Memórias, vídeos editados, imagens – momentos "estáticos"... mais movimento...

E foi cronologicamente sem cronologia que grupos brasileiros em visita ao Uruguai, e artistas/instrumentistas uruguaios em terras brasileiras uniram sons, tocadores, tambores... corpos. Puseram a fronteira em movimento, para além do geograficamente estipulado, demarcado.

Atrás das cortinas, antes das apresentações "oficiais" (ao público), outros encontros, brincadeiras, diálogos, trocas. Mestre Batista, um dos homenageados, mostrando os tempos da batida no grande tambor, Maestro Guillermo compartia dos sons graves do piano, tocando bases, mestre Batista passa a dar o ritmo com o repique uruguaio, um tambor médio. Liber Bermudês (músico uruguaio) une-se com outro piano, e a mais alta afinação (Chico) entra na roda Brasil – Uruguai pelas mãos dos membros da Cuerda.

E pelas apresentações na segunda edição do fórum, o carnaval! Os tambores norteando o evento através dos ritmos ali criados – trocados. Rompendo idéias de uma educação pautada no centralismo do conhecimento, como já dito anteriormente.

Pesquisadores, ouvintes, participantes e as fronteiras espaciais e simbólicas... O fechamento do evento se deu através da união dos tambores de Sopapo, "La cuerda", e a banda de carnaval Pelotense "Entre a cruz e a espada". Entre o início e o fim, por meio de vivências musicais em oficinas Brasil-Uruguai. Os tambores Uruguaios presentes na oficina da Mestre Griô Sirley Amaro, Mestra também homenageada nessa segunda edição do Fórum Internacional de contadores de História promovido pelo GIPNALS.

Oficinas ministradas por mulheres Uruguaias em que os sons vinham de tambores brasileiros, tocados por mãos brasileiras e uruguaias. As apresentações da Cantora Giamarê acompanhadas por todos os tambores. Das ruas para os prédios da universidade, dos prédios para a rua, candombe, sopapos e baterias... dias e noites em que se fez carnaval.

Discussões que ainda repousam na fronteira, nos entre-lugares, na memória e na identidade, e retomando o livro e os dizeres de Bhabha (1998) em seu livro O local da cultura em que cita Heidegger, compactuamos com a ideia de que uma fronteira não é o ponto onde algo termina, e reconhecemos assim como o autor e os gregos que a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente. E por isso seguimos...

## **Considerações finais**

Este texto apresenta um pouco da trajetória do GIPNALS da UFPel, enfatizando o Fórum Internacional de Contadores de Histórias com uma de suas principais atividades extensionistas. Essas experiências apresentam, também, parte dos projetos extensionistas do Grupo, cuja prática encontra-se permeada pela relação possível entre comunidade e universidade.

E no intuito de manter próximas teoria e prática é que, ao som dos tambores, foi possível (des)construir algumas fronteiras geográficas, sociais, étnicas e ao trazê-las para a escrita nos deparamos com tantas possibilidades de aproximação desse "ponto" sugerido por Heidegger, onde algo começa a se fazer presente.

Tambores latinos foram à África, ecoaram e se misturaram com tambores Moçambicanos e Sul Africanos, (re)encontraram tambores de Maçambique no Sul do Sul do Brasil. E daquela "Corda", ficaram apenas dois no Uruguai, pois um deles segue misturando sons com Sul Africanos (Limpopo – África do Sul), outras mãos no couro hoje tocam. Da África chegou um tambor Mãe, que hoje mistura seus sons com o som do "Grande Tambor" - Sopapo, com o piano, com o repique, com o Chico, outras mãos tocam o couro.

E é pelo som Africano, Afro-Uruguai, Afro-Brasileiro que seguimos pelas fronteiras, pelos Entre-lugares, atentos aos desdobramentos, (des)construindo prefixos, subvertendo a idéia de centros de poder-saber, e como já dito antes, fazendo do sul o nosso norte, (re)conhecendo como começo aquilo que se apresentava como o fim.

## Referências

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única. Obras escolhidas*, v2. São Paulo: Brasiliense 1987.

\_\_\_\_\_. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

\_\_\_\_\_. *O anjo da história*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1998.

CANAL, Carlos Yáñez. *El pluralismo de las Ciencias Sociales: hacia la construcción de una trama de tramas*. In: BUSSOLETTI, Denise Marcos.; CANAL, Carlos Yáñez.; GUEVARA, Ângela Estrada et al. (Orgs). *Pluralismo nas Ciências Sociais: da multiplicidade à diferença*. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2011.

---

<sup>i</sup> Ao tecer a trama, se estabelece um sentido primordial: é o ato de transformação em movimento, no ires e vires, no dentro e fora. O ato de tecer é também entrelaçado socialmente. Neste sentido, este movimento circularidade sem fim, em que o princípio se encontra com o final, tecer é o ato de retornar ao avançar ou de avançar retornando [...] (tradução própria).